



O DESCOMPASSO DO MAESTRO.

IMPACTOS DA PÓS-CRISTANDADE SOBRE OS PRESBÍTEROS.

INAPAZ¹

Um esclarecimento

1. É bem provável que ocorra algum estranhamento por essa análise de conjuntura eclesial, a primeira após o sínodo sobre a sinodalidade, não tratar especificamente daquele evento e seus resultados.. Embora a questão da sinodalidade venha a ser abordada, o tema intencionalmente não foi o escolhido para a análise a ser apresentada ao Conselho Permanente. Por questão de respeito, a primeira abordagem acerca do sínodo deve ser feita pelos próprios membros sinodais. O tema poderá ser abordado em uma futura análise de conjuntura eclesial, em especial no que diz respeito à implantação das indicações sinodais. Por enquanto, permaneçamos no caminho empreendido até agora, abordando-o desta vez em um enfoque específico.

Uma recordação

2. Como sabemos, já faz algum tempo que as análises de conjuntura eclesial têm tido como fio condutor a relação entre a ação pastoral desenvolvida pela Igreja e o ethos religioso brasileiro atual. Vimos que, entre esse ethos e as formas predominantes de ação pastoral existe certo descompasso, cuja consequência maior é a baixa incidência sociocultural do Evangelho sobre as compreensões que pessoas e grupos têm da vida. As consequências, como

¹ A equipe do INAPAZ é composta por D. Joel Portella Amado, D. Wellington Queiróz, Pe. Abimar Oliveira de Moraes, Pe. André Márcio Nogueira de Souza, Pe. Danilo Pinto dos Santos, Pe. Douglas Alves Fontes, Pe. Jânison de Sá Santos, Pe. Manoel de Oliveira Filho, Pe. Marcelo Batalioto, Pe. Marcial Maçaneiro, Sra. Maria Inês Castro Millen, Srta. Mariana Venâncio, Irmã Sueli Cruz e Pe. Waldecir Gonzaga.





já visto em análises anteriores, não dizem respeito apenas ao decréscimo no número de católicos no país, mas também e principalmente ao fortalecimento de valores contrários ao Reino de Deus, dentre os quais a agressão à vida em suas variadas formas, estabelecendo o que já se chamou de cultura de indiferença e até mesmo de morte.

3. Para a Igreja esse descompasso é um fato na prática inédito na medida em que ela é colocada diante de um novo tipo de sociedade e de cultura, com as quais a Igreja não está acostumada. O mundo saiu de uma sociedade estruturada em torno ao cristianismo para uma sociedade altamente plural, individualizada e acelerada. Em termos simples, ingressamos, como tanto insistido, na pós-cristandade. Uma passagem de tal envergadura não tinha sido experimentada pela Igreja há muitos séculos. Possivelmente uma experiência semelhante terá ocorrido no século IV. Depois daquele momento, só agora, com a quebra dos paradigmas então estabelecidos, é que se dá uma experiência tão impactante para a Igreja. Esse impacto é grande porque atinge os alicerces mais profundos, aqueles que, até então, mesmo com diversas transformações ao longo dos séculos subsequentes, permaneceu estável, sendo capaz de estabelecer identidades, fornecer respostas e gerar reações em face dos desafios surgidos.
4. Diante, pois, de tamanha transformação, a primeira realidade a ser analisada é a ação pastoral. Na cristandade, como insistido por tantos estudos, congressos e outros eventos, a pastoral é de conservação, pois as estruturas e instituições da sociedade tida como cristã fornecem os elementos aptos a gerar e manter identidades, permitindo um tipo de interação com a vida. O fato, como indicado em análises de conjuntura eclesial anteriores, é que tais propostas pastorais, exatamente por serem construídas com base no pressuposto de cristandade, não correspondem mais ao atual momento. Os maiores problemas pastorais se encontram, portanto, na transmissão da fé e, é claro, em sua sustentação. O que, na experiência eclesial foi vivenciado até o século IV, como apresentação da Boa Nova do Evangelho para suscitar a





conversão, o conseqüente batismo e a adesão a uma comunidade de cristãos e cristãs, todo esse processo se afunilou um perfil pastoral centrado no conservar o que as sociedades já transmitiam e seguiam.

O enfoque de agora

5. Após, portanto, refletir sobre as questões pastorais mais emergentes nesse momento pós-cristandade, o INAPAZ foi instado a refletir sobre um aspecto importante, a saber, o **padre**, sua realidade, os desafios para a vivência da vocação e seu papel em todo o processo de passagem de uma ação evangelizadora de cristandade para uma que corresponda à pós-cristandade. Como, pois, estão a pessoa e a missão do padre em todo esse processo? O que está ocorrendo especificamente com os padres em nossos dias? Embora o sacramento da ordem implique também os bispos e os diáconos, o pedido feito ao INAPAZ foi o de especificamente tentar refletir sobre a vida, a missão, o ministério e a pessoa do padre em nossos dias.
6. Por certo, o caminho mais fácil seria o de considerar alguns aspectos que têm chamado a atenção: os escândalos de natureza sexual e/ou financeira, as crises, as depressões e até mesmo os suicídios e as desistências solicitadas ou penalmente impostas. Esses e outros aspectos existem e devem ser considerados. Permanecer, porém, apenas neles implica não ultrapassar a superfície da questão, abordando as conseqüências mais gritantes, porém com o risco de não se chegar à raiz do problema. O resultado poderia ser o de uma análise de perfil noticioso, com propostas de soluções voltadas, por exemplo, para maior atenção dos bispos aos padres, liberação da norma a respeito do celibato e outras que tanto conhecemos.
7. Em conseqüência, a proposta dessa análise de conjuntura eclesial que aborda a pessoa do presbítero em contexto de aguda pós-cristandade segue o caminho de, em primeiro lugar, recordar o que está ocorrendo com os padres atualmente. Na consciência de que os padres, no exercício de sua





missão, exercem diversas atividades, esta análise opta por destacar os padres que estão diretamente inseridos no trabalho pastoral com o povo de Deus, seja nas paróquias, inserção mais comum, seja em outras formas que se assemelhem ao trabalho paroquial. Trata-se de tentar entender o padre a partir do exercício de sua missão junto ao povo de Deus, com destaque para aqueles que se encontram à frente de uma comunidade eclesial, tenha ela o porte que tiver.

Linha de frente em uma batalha que se transformou

8. A hipótese central dessa análise é a de que o mesmo descompasso existente entre Igreja e Sociedade, ação pastoral e cultura pós-cristã, acontece também em relação ao padre, a compreensão de seu ser e sua missão. Isso ocorre porque, a partir dos contextos de cristandade, o padre se tornou o centro da vida da comunidade eclesial, remetendo-se a ele as decisões, os rumos, a gestão dos conflitos, o discernimento e o encaminhamento pastoral, além, é claro, da gestão dos bens temporais. Em um contexto de cristandade, essa lista de concretizações de sua missão é menor, mais simples e sustentada pela certeza sociocultural de que ele, o padre, é o centro da vida eclesial e tudo deve mesmo girar ao seu redor. O cristianismo é o centro da vida ocidental. O modelo pastoral de conservação é o único. O padre é também o único que, na ponta do processo, administra toda essa engenharia. Nesse contexto, o laicato só pode ser visto como braço estendido do clero, em postura supletiva, indo aonde os padres não conseguem ir. O centro da vida eclesial é o padre. Mesmo com as dificuldades de cada momento, o padre, desse modo, tem relevância sociocultural.
9. Para o exercício desse tipo de missão, o padre precisa de algumas características como, por exemplo, aprender a ser onisciente e plenipotenciário, com forte voz de comando, tendo por sustento uma instituição forte, capaz de suportar e suprir eventuais fragilidades. Para que





tudo isso aconteça, o padre necessita aprender a ser uma criatura solitária, em especial os padres diocesanos que algumas vezes chegam a ser identificados exatamente por essa condição de ser sozinho, à diferença dos religiosos, caracterizados pela vida comunitária.

- 10.** Acontece, reiterando o que já foi dito em análises anteriores, que esse mundo se quebrou, levando consigo os pressupostos que permitiam configurar a ação evangelizadora em geral, mas, no caso do tema desta análise, a vida e a missão do padre do modo como acima descrito. A primeira dessas transformações atingiu de imediato a onisciência, na medida em que o padre já não sabe de tudo a respeito da vida e do mundo. Na verdade, sabe pouco, pois sua formação inicial se manteve, na maioria das vezes, direcionada para o contexto de cristandade. Em segundo lugar, atingiu a quantidade de trabalho, pois, para ficar no exemplo das paróquias, estas se têm tornado cada vez mais complexas, com uma pluralidade de pastorais, movimentos, associações e, reiterando, uma administração dos bens temporais cada vez mais exigente. Já não basta mais ao padre dar a bênção nas reuniões de uma associação pia em sua reunião mensal. Já não basta, ao ouvir confissões, absolver e impor as reparações costumeiras, pois deve dar conselhos, manifestando-se sobre questões para as quais não está preparado, questões novas, não abordadas em sua formação inicial e não tratadas adequadamente na formação continuada. No campo litúrgico, a orientação era a mesma independentemente do contexto em que fosse celebrada, cabendo-lhe seguir o que estava prescrito, algumas vezes com rigor milimétrico. Atualmente, por exemplo, em uma única manhã dominical, em que a um único padre são previstas três missas, ele poderá conviver com os despertantes da primeira missa, algumas vezes mais interessados em rapidamente cumprir o preceito dominical, em seguida com as crianças em seguida com as crianças e adolescentes, algumas vezes inquietos e/ou desestimulados e, já quase no final da manhã, em uma capela, na qual ele, assim que chega, é recebido por duas pessoas, uma que lhe deseja falar sobre





as obras da cozinha comunitária e outra que lhe quer impor autorização para um matrimônio em situação não permitida pela Igreja. Para cada uma dessas diferentes situações, já não basta o padre dizer sua palavra definitiva, palavra de representante de uma instituição garantidora da verdade. O novo contexto, além de plural, é de pós-verdade.

11. Com isso, o modelo de padre que se concretiza como autorreferencial e centrípeto entra em crise. O mundo de pós-cristandade é multirreferencial e centrífugo, não reconhecendo propostas de sentido e atuação que sejam construídas a partir do uno, do único, do eterno, do inquestionável. É por isso que, embora determinadas posturas não sejam recentes, as dificuldades para conviver com elas aumentaram bastante. Se, em tempos de cristandade, um padre podia utilizar as palavras, os gestos e as agressividades que lhe conviessem, atualmente até mesmo o uso de determinadas metáforas pode gerar desde *dislikes/unlikes* até processos com os decorrentes pedidos de indenização na esfera civil. Não nos esqueçamos de que o *clericalismo* foi uma das fortes críticas no recente sínodo sobre a sinodalidade.
12. Tais situações nos levam a concluir pelo descompasso entre o modo como o padre tem sido formado para viver o seu sacerdócio e a realidade que ele encontra quando remetido ao tatame pastoral. Trata-se da concretização para a pessoa e a missão do padre do mesmo descompasso entre o ethos religioso predominante e as ações pastorais realizadas. O padre, por ser linha de frente na ação evangelizadora, é um dos que mais sente – e sente de imediato – as consequências do mencionado descompasso. Experimenta uma espécie de mal-estar por não se sentir capaz de atender a tamanha complexidade da vida pastoral. Se houve um tempo em que o padre conhecia de modo até bastante próximo os seus paroquianos, hoje ele é conhecido por um número pequenos dos residentes em sua jurisdição, efetivamente se relaciona com um número menor e consegue atender a um número também pequeno de todos que lhe são atribuídos. Os mais jovens tentam suprir essa lacuna por meio das redes sociais, buscando se comunicar





com os paroquianos, seja transmitindo avisos, convites e mensagens religiosas. Mesmo assim, a pós-cristandade coloca em xeque tudo o que o padre diz, suas orientações e pregações. Isso acontece porque, na complexidade individualizante de nossos dias, o critério predominante é o das escolhas individuais, em que, mesmo as pessoas de missa dominical, selecionam o que vão acolher e viver quanto aos ensinamentos transmitidos na homilia. Esse, enfim, é o fato: a pós-cristandade não poupou o padre em sua identidade e sua missão. Plasmadas em um contexto histórico de unidade experimentado no mundo ocidental até a segunda metade do século XX, as condições usuais para o padre se compreender e viver sua vocação e missão já não existem mais.

- 13.** O fato é que o padre não pode mais contar tanto com os apoios que serviram a gerações sacerdotais anteriores. Tampouco pode contar com a credibilidade institucional que, em outros tempos, supria lacunas, sanava fragilidades. Em face dos defeitos de um padre, a tranquilidade vinha da santidade da Igreja. Em tempos de pós-cristandade, importa insistir muito, mesmo que sob o preço da repetição e da perda da novidade, que o dito se inverteu: quando um padre falha, toda a Igreja deixa de prestar. O padre carrega sobre seus ombros não apenas a complexidade pastoral com o aumento das tarefas. Carrega também a responsabilidade pessoal de sustentar socioculturalmente com sua vida e seu testemunho a Igreja como um todo. Essa é, por exemplo, a triste realidade dos padres envolvidos em escândalos, sejam de que tipo forem. Um escândalo serve para justificar o afastamento das pessoas em relação à Igreja e ao evangelho como regra de vida. Por isso, o peso é grande sobre as costas do padre. Não se nega aqui a fragilidade humana, sucumbida algumas vezes ao pecado. Isso independe de tempo e espaço. Afirma-se que o peso do pecado pessoal, nesse período da história, ganhou lente de aumento. O padre, enfim, é marcado atualmente por desconfiança e certa dose de irrelevância sociocultural. Daí, as frustrações, as compensações, os mecanismos de fuga, um pouco das





depressões. Na cristandade, o padre, ponta da linha no processo evangelizador, é a grande mediação da Igreja junto às pessoas. Ele é mediação e tem mediações para cumprir essa missão. Na pós-cristandade, embora ainda permaneça como ponta da linha no imaginário católico, o padre vai gradativamente perdendo os instrumentos, as mediações com as quais pode contar para cumprir sua missão.

14. A pessoa e a missão do padre perderam as referências socioculturais que, ao longo da cristandade, forneceram os suportes necessários para a identidade e o exercício do ministério. Trata-se de uma **crise de mediações**, ou seja, da fragilidade dos instrumentos humanos e sociais que estabelecem a ponte entre a dimensão sobrenatural do ministério presbiteral e seu exercício intra-histórico. Se, por um lado, existe a certeza teológica de que toda vocação tem sua origem em Deus, por outro essa certeza se concretiza na história através de ações, posturas, opções e reações. São as mediações, sem as quais não é humanamente possível sobreviver. Daí a hipótese aqui apresentada de que, em meio à variedade de causas pontuais, a causa mais profunda das crises vivenciadas pelo padre hoje pode ser compreendida como uma *crise de mediações inerente a tempos históricos de mudança*. **O padre é uma mediação em crise de mediações**. E, como em todas as crises, há resiliências e mecanismos de defesa, alguns produzem efeitos positivos, enquanto outros se tornam soluções devastadoras.

Entre resiliências, acusações, tentativas e compensações

15. Quanto à resiliência, ela é mais facilmente percebida entre os padres da faixa etária mais alta, embora não seja privilégio destes. São os de mais tempo no sacerdócio, não nativos desta pós-cristandade tão aguda. Alguns, os mais idosos, iniciaram a vida sacerdotal no pós-concílio e se assustam com as retrotopias das gerações mais jovens. Outros viveram o tempo da forte ligação entre fé e compromisso social, impactando-se pelo desinteresse das novas





gerações quanto às questões socioambientais. Os mais jovens não se veem identificados nem com as propostas de uma e de outra geração. Optam por um perfil sacerdotal mais litúrgico, estético e devocionalista.

16. Diante disso, alguns se mantêm nas mesmas atividades que faziam décadas atrás, com os mesmos discursos e as mesmas práticas. Outros se recolhem a um cotidiano pastoral que sentem ser insípido. Outros simplesmente surtam. Em meio a tudo isso, a resiliência existe, mesmo que vivida de modo silencioso. Ela se manifesta, por exemplo, nos padres que concretizam seu sacerdócio na proximidade, na participação na vida das pessoas, ainda que seu grupo de relacionamento e incidência seja pequeno. Outro fator de grande efeito resiliente é o da presença solidária junto aos pobres e sofredores. Se, em algumas situações, já não é mais possível viver a efusividade das décadas de 1970 e 1980, tanto num tipo de pastoral em torno aos movimentos de encontros de final de semana quanto no compromisso sociotransformador, nem por isso, tais padres deixaram de estar junto ao povo, fazendo de tal presença seu caminho de resiliência.
17. Em meio a esse universo de tentativas, resiliências e compensações, têm chamado a atenção os padres que redirecionaram suas ações pastorais para um ambiente que emerge a cada dia com mais força: o ambiente digital. Tornaram-se, na prática, *influencers*, passando por cima de jurisdições, demarcações territoriais e tudo mais que a nova configuração de espaço e tempo do mundo virtual permite. Realizam suas atividades predominantemente em nome próprio: será sempre aquele padre, aquele frei, aquele religioso. Sua plausibilidade sociocultural e sua autoridade pastoral não resultam do fato de serem parte de uma igreja local, de uma congregação religiosa, de uma instituição, embora até tenham ligações institucionais. Resulta bem mais ou até mesmo exclusivamente de que sua palavra se adequa ao que é esperado pelos seguidores. Isso acontece não apenas pela capacidade de comunicação de cada um desses influencers, mas também pelo tipo de discurso efetuado. Em sua maioria, conectam-se





com práticas religiosas marcadas pela acentuada afirmação de valores como a família e a educação dos filhos, a santidade pessoal e a moral sexual. Marcados por novenas e outras práticas similares, acabam pregando a proteção para a pessoa e sua família. Essa pregação faz sucesso em um mundo em que as instâncias históricas, sociais, econômicas e políticas falham em cumprir sua missão.

18. Chama igual atenção o fenômeno da *estetização* da vida sacerdotal, em especial junto às gerações mais jovens. Nos últimos anos, temos assistido não só o retorno efusivo do uso da batina, como também de paramentos de perfil pré-conciliar, com casulas romanas, manípulos e similares. Para os padres de mais idade e tempo de sacerdócio, isso é um retrocesso, retorno a tudo que combateram exatamente para bem viver o seu sacerdócio. Já os padres mais jovens afirmam, em linha diametral, que a batina serve melhor para evangelizar, fornecendo identidade em um mundo sem identidades e visibilizando o que outras formas de trajar não o fazem. Em consequência, mais do que uma compreensão do regresso da batina como anacronismo, no confronto entre progressismo e conservadorismo, a estetização do sacerdócio conforme a vemos em nossos dias, deve ser compreendida como apoio em um caminhar desconcertante.
19. Exatamente porque as mediações estão em crise é que surgem as chamadas *espiritualidades da vitória*, com novenas ou trezenas, com derrubadas de muros e similares, com simpatia por santos e anjos de perfil bélico, marcados algumas vezes por experiências místicas acentuadas. Onde, afinal, tudo ao redor parece falhar, o caminho humanamente lógico é o de buscar, em clara reação pendular, o extremo oposto. Não se pode negar que este é um caminho atrativo tanto para as pessoas em geral, que dele se alimentam, quanto para os padres que veem nele uma possibilidade de relevância sociocultural, demonstrada – dizem – na grande participação das pessoas.
20. Interessante observar o crescimento de um perfil de padre que integra algumas realidades que, à primeira vista, não seriam integráveis, como é o





caso de uma estética retrópica e uma espiritualidade neopentecostal. Enquanto a estética aponta para o retorno ao passado, a espiritualidade aponta para a forte inserção no mundo que aí está. Daí o impacto diante de concretizações dessa síntese bastante criativa. A esse perfil de padre se aplicou o termo *tradismático*, mistura, como facilmente se pode deduzir, de tradicional com carismático. O termo foi cunhado pelo cientista político francês Gaël Brustier ² e, no Brasil, chegou a ser assumido por grupos que se identificam com uma igreja socialmente forte e combativa ³, para a qual exatamente a cristandade é o horizonte sociocultural mais adequado. Para além, portanto, de uma questão estética ou de espiritualidade, é necessário considerar também e principalmente uma forte busca pela cristandade, uma dificuldade em assumir que esta já não existe mais.

21. Outra forma de enfrentamento desse descompasso consiste em desenvolver uma vida compartimentada, em que o sacerdócio é visto mais como uma função (litúrgica, pastoral, de aconselhamento etc.), ao lado da vida pessoal. Esta o padre faz questão de manter em nítida distância, fazendo, como costuma ser dito, de sua vida pessoal o que deseja. Algumas vezes a distância entre as duas instâncias da vida, a considerada sacerdotal e a considerada pessoal, é muito grande.
22. Parece haver, e de forma crescente, um distanciamento entre “identidade vocacional” e “identidade institucional”. Há indicativos de que, para muitos padres, o ministério ordenado é caracterizado de forma bastante funcionalista. Assim, não é incomum encontrar padres que demonstram dedicação enquanto exercessem o que restritivamente compreendem como função sacerdotal, geralmente ligado a ministrar os sacramentos, enquanto, na vida privada, sentem-se muito à vontade em viver de forma contraditória

² BRUSTIER, Gaël, Les tradismatiques à l'assaut du pouvoir, em: <https://www.jean-jaures.org/publication/les-tradismatiques-a-l-assaut-du-pouvoir/> Acesso em 01/11/2024, 16:30

³ <https://www.instagram.com/brasil.rtc/p/CdgF9zOOxzF/> Também: <https://br.pinterest.com/pin/o-que-o-tradismtico-in-2024--291819250869335873/> Acessos em 01/11/2024, 16:42





ao que se espera de qualquer padre. Um pouco diferente de tempos passados, onde comportamentos propensos ao escândalo eram feitos sob o maior sigilo, atualmente muitos comportamentos são assumidos no cotidiano do padre, como que apontando para certa normalidade. Há o risco de o conceito existencial de vocação ser substituído pela forma pragmática da função.

- 23.** Estes são apenas exemplos. A realidade se mostra bem mais complexa, com variações que expressam também a beleza do humano, sempre tão diversificado, e, mais ainda do Espírito Santo, cuja criatividade é inextinguível. Essas reações foram destacadas por se tornarem paradigmáticas e, com isso, ajudarem a destacar os caminhos de enfrentamento da atual *crise de relevância sociocultural* experimentada pelo padre. O ideal seria conseguirmos maior objetividade por meio de pesquisas. Essas, contudo, não são fáceis de realizar. Restam-nos, portanto, intuições colhidas do cotidiano pastoral.

Que padres para a pós-cristandade?

- 24.** Sobre o perfil sacerdotal para o atual momento, em que, não estando mais sob a égide da cristandade, experimentamos fragilidade sociocultural, existe uma vasta bibliografia, empenho significativo de equipes, comissões e instituições dedicadas ao tema. No Brasil, podemos destacar os encontros nacionais de presbíteros, que, ao longo de suas dezenove realizações, tem procurado e indicado luzes para o ser padre atualmente.
- 25.** Em resumo, estamos conscientes de que, tempos assim, geram buscas e compensações, soluções efetivas e tábuas de salvação. Algumas vezes, as essas duas realidades se fundem e se confundem, deixando-nos ainda mais perplexos e inseguros no caminho a seguir. Importa que permaneçamos tentando, não nos dando por satisfeitos com as soluções encontradas, mas, ao contrário, em contínua atitude de vigilância, analisando cada solução,





fugindo dos preconceitos que identificam o diferente com o errado e tendo coragem para reconhecer que, não possuímos todas as respostas, podemos, entretanto, apontar alguns caminhos. Para esses caminhos, a sabedoria da Igreja indica pensar em três relações: com Deus, consigo mesmo e com as demais pessoas. Mais recentemente, acrescentou-se a esse conjunto de relações aquela que nos aproxima ainda mais do meio-ambiente. A título, portanto, de prognóstico, podemos estabelecer alguns indicativos.

- 26.** No que diz respeito à relação com Deus, é preciso destacar a condição apofática de nossos tempos por mais dolorida que ela venha a ser. Com certeza, é bem mais fácil desenvolver uma espiritualidade de perfil bélico e caçador de vitórias, mesmo que não se tenha Deus nas mãos, mesmo que a Escritura alerte para o pecado de querer subjugar a vontade de Deus, mesmo que a experiência do vazio epocal seja árdua. Na maioria das vezes, tem-se a impressão de que o *Mar Vermelho não se vai abrir, por mais que Moisés lhe estenda o cajado*. Por isso, o caminho das mediações pós-modernas é tão atrativo. Por isso, a transposição da ética para a estética tem recebido tanto apoio, com acentuação em vestimentas, adereços, eventos de massa, liturgias consideradas tradicionalistas e similares. Na medida em que a história é dura demais, sair dela se mostra a melhor das soluções.
- 27.** Em termos, porém, de fidelidade a Jesus Cristo, sair da história nunca é a solução. A história precisa sempre ser assumida, por mais dura que seja, por mais sem sentido que possa se mostrar. E aqui está o descompasso espiritual de nosso tempo. Por um lado, precisamos sempre de mediações. Por outro, as que serviram durante séculos não servem mais. Por um lado, somos cercados por propostas de sucesso, poder e vitória. Por outro, percebemos que a palavra final de Jesus Cristo foi de entrega confiante nas mãos do Pai. É, portanto, indispensável não ultrapassar a linha da encarnação, isto é, de uma espiritualidade encarnada, que considere a história do jeito que ela é, do modo como ela se apresenta, no caso, com a fragilidade das mediações, com a falha dos modelos pastorais até pouco tempo frutíferos e com a perda





da relevância sociocultural do padre. O Cristo despido na cruz deve ser a referência maior para o presbítero que vive em um tempo histórico que o despe das mediações de até então e mostra a falácia de muitas das mediações construídas para suprir o vazio.

- 28.** Esse desafio se torna ainda maior porque ninguém consegue viver sem mediações. Somos corporais e históricos. Precisamos de mediações. Só não podemos cair nas armadilhas das mediações falaciosas. E nada como voltar a contemplar o mistério da cruz e perceber que, mesmo na experiência de um profundo abandono, Jesus finha aos pés da cruz, sua mãe, seu discípulo e algumas mulheres. Havia ali um pequeno grupo. Havia ali uma pequena comunidade. Havia ali vínculos, afetos, laços. De alguma maneira, portanto, o padre é chamado a perceber que sua primeira, maior e resistente mediação está no relacionamento humano, o qual se concretiza de diversas formas: com os demais padres e o bispo, com os amigos e amigas que vai construindo ao longo da vida, com a comunidade à qual foi enviado a servir e com sua própria família de sangue. Em cada um desses círculos de amizade, o importante é que se mantenham vínculos fortes o suficiente para a travessia da noite escura porque estão ausentes as lamparinas das mediações.
- 29.** No que diz respeito ao relacionamento com os demais padres, existem muitas experiências, dispensando-nos de detalhamento. Importa que se mantenham e se aprofundem. Na relação com o bispo, importa que ela ultrapasse a formalidade e a funcionalidade e que o bispo seja antes de tudo um pai, que, ao mesmo tempo, é terno, próximo, e, por isso, também educador. Na relação com a família de sangue, importa recordar as origens, reconhecer que não houve ruptura absoluta, que o mesmo sangue ainda corre nas veias e que a formação recebida não apagou o que o padre carrega em sua estrutura pessoal. Por certo, o padre não fará de sua paróquia uma sede para concretizar o favorecimento de parentes em contratações, promoções ou oportunidades. O nepotismo é sempre abominável, não podendo ser





justificado por frustrações em relação ao relacionamento com os outros padres, com o bispo ou com a comunidade.

- 30.** Especificamente no que diz respeito ao relacionamento com a comunidade à qual foi enviado a servir o padre é convidado a estabelecer relações de *sinodalidade*, superando posturas autoritárias, centralizadoras, as quais se costuma chamar de *clericalismo*. As reflexões sobre o recente sínodo nos indicarão com maior clareza o sentido de sinodalidade e a que todo o trabalho feito se destinou. Para fins de reflexão sobre a vida e a missão do presbítero, importa reconhecer que não há mais lugar para o padre super-herói em torno do qual tudo acontece. O padre compreendido em chave de sinodalidade é aquele que, mais do que tudo saber e em todos mandar, é aquele que integra as diversidades, escuta os diferentes, faz o discernimento em conjunto, vive e ensina a viver a comunhão. O padre em chave de sinodalidade é o padre dos tempos apofáticos. É o padre que, para além de uma compreensão autossuficiente e autorreferencial, é o gerador de vínculos e redes de relacionamento. É o que se alegra porque a família toda está reunida e cada membro está bem cuidado, valorizado. É aquele que não teme ser em si, no exercício do seu ministério, a imagem da Igreja mãe, que cuida dos filhos que já estão em casa e se preocupa com os que ainda não estão ou já se foram. É aquele que concretiza em si a imagem da mãe apaixonada por todos os seus filhos, porém com uma predileção muito compreensível, conforme indica antigo ensinamento, possivelmente de origem árabe: *De qual filho a mãe gosta mais? Do pequeno até que ele cresça, do doente até que ele sare, do que está longe até que ele volte.*
- 31.** A figura sacerdotal concentradora acaba por desenvolver diversas concretizações: o liturgo, o mestre, o curador, o gestor, o juiz, o *influencer* e assim por diante. A centralização ministerial em torno ao padre gera, como bem sabemos, uma pluralidade de funções. Ocorre que, com o aumento da complexidade da vida, o padre não consegue dar conta de todas, fazendo, consciente ou inconscientemente, opções por uma ou outra concretização,





deixando as demais a descoberto. Nesse sentido, a complexidade da vida, aliada à crise de mediações, gera um terreno propício a que se compreenda a pessoa e o ministério do presbítero de maneira inversa, abrindo espaço para que se busque uma identidade mais relacional, ultrapassando todas as formas de centralismo clericalista. Essa, como sabemos, foi uma das grandes intuições do sínodo sobre a sinodalidade.

Onde foi que erramos?

- 32.** Para o discernimento de caminhos, estabelecendo prognósticos de ação, é preciso superar as leituras superficiais, em geral de perfil moralizante, acusadoras de pecado em quem vive um estilo encontrado para sobreviver em meio à pluralidade de modos para concretizar o sacerdócio. É preciso igualmente superar as explicações de perfil teologizantes, que, olhando somente o que a Igreja compreende a respeito do presbiterato, não levam em conta que cada compreensão é a junção, por um lado, do que a Igreja pensa a respeito do presbítero e, de outro, com os contextos, as sociedades, as culturas em que tal compreensão se encarna. Se o diagnóstico é o de uma crise de mediações, é preciso considerar o forte descompasso já tão afirmado aqui e, com as devidas adaptações, seguir lógica semelhante à que marcou o sínodo sobre a sinodalidade. Há de se pensar em espiritualidade, processos e estruturas.
- 33.** Nesse sentido, o primeiro passo consiste em ter clareza das perguntas a serem feitas, sem as quais qualquer solução correrá o risco de não enfrentar o descompasso. Daí a importância de algumas perguntas centrais para a formação tanto inicial como permanente, com destaque, entretanto, para a formação inicial, em que os que chegam aos nossos seminários são nativos de um contexto sociocultural de pós-cristandade. Como, por exemplo, pensar em um projeto formador construído em torno da uniformidade, quando nossos jovens vêm marcados pela individualização? Como pensar em compromissos





perpétuos quando nossos jovens vêm marcados por forte dificuldade em assumir vínculos mais duradouros? Como, enfim, tentar encaixar o não encaixável? O ponto de partida é, por certo, a espiritualidade: que tipo de espiritualidade haverá de alimentar a formação inicial atualmente?

Qual a espiritualidade sacerdotal para tempos como o atual?

- 34.** Tempos marcados pela crise das mediações, embora sofridos, possuem também um caráter libertador. Períodos ao estilo da cristandade, em que a realidade é mais clara, tranquila, segura, ajudam a não perceber as mediações como apenas mediações. Configurações socioculturais acabam, na prática, por serem compreendidas, sem mais, como dados de fé, não se estabelecendo uma efetiva distinção entre o Deus que vocaciona e as mediações para a relação com esse mesmo Deus. Socioculturalmente falando, são tempos de certeza.
- 35.** Ao contrário, tempos como o atual são profundamente apofáticos, nos quais, superando a tentação das meras compensações, importa calar, escutar e confiar. É a experiência da falta, do vazio, da noite escura. Em termos bíblicos, é, por exemplo, a experiência vivida por Jeremias ⁴. Esse profeta vive a sua vocação em um momento de colapso em todas as referências, em todas as mediações. A terra, mediação por excelência, foi invadida. O povo, em sua maioria, foi levado para uma terra estrangeira, onde são adorados outros deuses, onde a Lei e a Tradição, a instituição sacerdotal e o culto não orientam a vida. Era grande o risco de seguir os outros deuses. A vitória do invasor tornara-se mediação para um outro rumo, para outros deuses. O profeta viveu a sua vocação chamando a atenção para a fidelidade a Deus.

⁴ A intuição é do padre italiano Maurizio Fileni em resposta a três artigos publicados por Armando Matteo, professor teologia fundamental da Pontifícia Universidade Urbaniana, a respeito da atual situação do padre. Sua resposta ao Pe. Matteo foi publicada por Settimana News, em 28 de junho de 2017. <https://www.settimananews.it/ministeri-carismi/caro-don-armando/>. Acesso em 30 de outubro de 2024.





Para isso, enfrentou a tentação das mediações que traziam o risco de levar a outros rumos ⁵.

- 36.** Interessante observar o quanto essa espiritualidade apofática é oposta ao que o devocionismo atual prega em relação à vitória, ao sucesso e ao poder. Daí a dificuldade de alguns padres, que, tendo seguido radicalmente esse perfil de espiritualidade, se percebem sem respostas, sem rumo, sem chão, quando a vitória não chega, quando a performance não produz o efeito desejado e até mesmo prometido. Por certo, a devoção não é causa de crises. Estas decorrem da centralização em um perfil legalista e com ares de antigo testamento, em que a lógica da aliança acaba por dar ao indivíduo direitos de cobrar vitórias a Deus em razão de sua fidelidade, expressa em práticas geralmente religiosas. Resta então difícil compreender o núcleo do cristianismo como a radical experiência da graça de Deus, da gratuidade, do imerecimento.
- 37.** Esse descompasso entre a centralidade da graça de Deus e o devocionismo de cunho legalista é um desafio que afeta toda a ação evangelizadora, chegando também à identidade e à missão do padre. Ao mesmo tempo em que se faz urgente assumir que estamos em tempos apofáticos, urge igualmente reconhecer que não estamos em um tempo que facilite essa atitude. Vivemos uma época mais de ruídos que de silêncios, mais de sucesso que de irrelevância, mais de eficácia que de espera, mais de rapidez que de paciência, mais de postagem que de relacionamento. Como pedir para calar se todos gritam? Como insistir em escuta e espera paciente quando até

⁵ Interessante observar a carta de Jeremias aos Exilados, Jr 29,4-7, em que ele exorta os exilados a continuarem vivendo, mantendo a fé e trabalhando pelo bem da cidade onde se encontram. É o convite a não se deixarem abater pela ausência das mediações usuais, mas, ao contrário, permanecer fazendo o que é possível até que um novo momento histórico aconteça: ⁴ Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, a todos os exilados que eu deportei de Jerusalém para a Babilônia: ⁵ Construí casas e habitai nelas; plantai pomares e comei o seu fruto. ⁶ Casai-vos e gerai filhos e filhas, tomai esposas para os vossos filhos e dai as vossas filhas em casamento, para que gerem filhos e filhas; multiplicai-vos aí e não vos diminuais. ⁷ Procurai a paz da cidade, para onde vos deportei; rogai por ela ao Senhor; porque na sua paz será a vossa paz.





mesmo quem está ao lado, algumas vezes presbítero como eu, propaga sucessos, vitórias, garantias, ganhando likes e seguidores?

- 38.** O segundo aspecto da espiritualidade para nossos dias se encontra na maior de todas as mediações: a fraternidade. Enquanto o devocionismo das garantias e vitórias é individualizante, qualquer caminho espiritual que, em nossos dias, se queira sólido, é instado a destacar a relação fraterna como a maior de todas as mediações. Isso vale também para o padre, em especial para aquele perfil de padre diocesano compreendido historicamente como vocacionado a ser sozinho, solitário, centralizador. Aqui se pede a passagem do padre autorreferencial para o padre que, sendo pai de uma comunidade, concretiza sua paternidade espiritual no terreno da fraternidade, da amizade, do convívio. Ao lado, portanto, da imagem do padre *para* a comunidade, este é um tempo para se pensar no padre *com* a comunidade. A dificuldade será, como no caso da apofaticidade, um contexto de forte individualização e autorreferencialidade, para o qual o outro não é visto como condição de realização, de sentido para a vida e a missão, mas como ameaça e, nos casos, mais agudos, como inimigo a ser combatido. Tempos de polarização e inimizade pedem atenção maior à fraternidade e isso atinge também os padres.
- 39.** Esses dois aspectos nos levam a pensar em como encontrar, tanto na formação inicial quanto na continuada, processos e estruturas que ajudem os padres a se firmarem em um perfil existencial que não é o predominante. Isso não acontece em um estalar de dedos. Deve, ao contrário, estar presente desde o primeiro momento, ou seja, desde a promoção vocacional, acompanhando os padres ao longo das idades e dos tempos de ordenação. Em termos teológicos, essa diferença se faz profética: é o profetismo de uma espiritualidade do silêncio e da fraternidade, em um mundo de ruídos e individualismos. O desafio decorrente é o que diz respeito ao caminho a ser percorrido para aqui chegar.





Como se chega a isso?

40. Essa construção de um perfil de padre que corresponda à pós-cristandade nos leva a pensar de imediato na formação. Padre algum nasce pronto. Ele precisa ser formado ao longo de toda a sua vida e, desse modo, o tipo de formação se torna um aspecto decisivo no atual momento da vida e da missão do padre. Ocorre que mudanças como a atualmente exigida levam longo tempo, demandando sacrifícios e coragem, tentativas e recomeços. É período de unir forças, integrar níveis de ação, por exemplo, fortalecendo os vínculos entre as dioceses, os regionais e a conferência episcopal. É período de valorizar os momentos em que os vocacionados e os seminaristas convivem com outros de regiões diferentes, como é o caso, no Brasil, do Formise e do Renasem, no conteúdo, dois eventos diferentes, na proposta integrativa, porém, iguais e importantes. É também o caso dos *inters*, espaços de intercâmbio na formação à vida religiosa ⁶. Estamos, enfim, em um período que exige rever constantemente as práticas formativas, de compartilhar mais tanto as experiências exitosas quanto as malogradas. O importante é permanecer a caminho, pois o povo de Deus é sempre um povo em caminho. Mais importante ainda é permanecer em caminhos marcados não apenas por eventos, que até podem ser válidos em si, porém desconectados de um projeto maior, sem a clareza de onde efetivamente se precisa e se deseja chegar. É fato que o momento atual, com as suas alterações nos ritmos de tempo, valoriza as experiências fortes, as recargas de baterias. Importa, entretanto, que tais momentos não permaneçam voltados para si mesmos, com a repetição aqui e acolá do mesmo conteúdo, do mesmo formato, mudando apenas a nomenclatura. Processos, ao contrário, implicam metas, etapas e planejamento, onde são inseridos os eventos, sejam quais forem, deixando de lado as receitas, as fórmulas prontas a serem apenas repetidas.

⁶ Em suas variáveis, conforme a etapa vivida na vida religiosa: juninter, aspirinter, postulinter e novinter.





41. Com a *Ratio Fundamentalis* de 2016, firmou-se a consciência de que a formação sacerdotal é chamada a romper com duas características próprias do estilo tridentino de formação. Esta não pode ficar restrita nem apenas à dimensão intelectual nem apenas ao tempo de seminário. Trata-se de um processo permanente, necessário para toda a vida e mais abrangente, com as conhecidas cinco dimensões. Além disso, o recente sínodo sobre a sinodalidade solicitou que a formação presbiteral, inicial e continuada, ocorra em perfil sinodal (DC 148) ⁷, ou seja, formando para a comunhão, a escuta e o diálogo com as diferentes formas de viver a fé em nossos dias tão plurais. Não é, portanto, uma formação para o modelo tridentino de padre, pois de nada adiantaria pensar em um perfil de padre, no caso um perfil para a pós-cristandade, mantendo, porém, a formação em estilo de cristandade. O resultado continuaria a ser o mesmo, alimentando e aumentando o descompasso entre o padre e o contexto ao qual ele é enviado.
42. Essas indicações ratificam, portanto, a necessidade de superação do modelo tridentino de formação enquanto preparação para uma missão de concretização generalista, que se possa cumprir do mesmo modo em qualquer tempo ou lugar, construída em torno da pastoral de conservação e da figura onipotente e onipresente do padre. Na medida em que o paradigma da cristandade se quebrou e que tal paradigma foi o gerador do modelo tridentino de formação, é inevitável que se pense e se tente concretizar estruturas de formação que correspondam a um modelo de padre que, ao contrário do tridentino, tenha perfil motivador e integrador dos diversos dons e carismas, sendo, portanto, gerador e garante da comunhão, bem como sensível à iniciação à vida cristã. Para isso, há de se pensar no tipo de estruturas se fazem necessárias para que se alcance, na pós-cristandade,

⁷ DC 148: "...incluir uma presença significativa de figuras femininas, uma inserção na vida cotidiana das comunidades e a educação para colaborar com todos na Igreja e praticar o discernimento eclesial. Isso implica um investimento corajoso de energia na preparação dos formadores ...(e) percursos de formação capazes de despertar nos candidatos a paixão pela missão ad gentes..." (Tradução nossa)





o mesmo resultado que a formação tridentina alcançou na cristandade. Esse repensar é de vital importância para o atual momento evangelizador em razão do risco de se permanecer fazendo o que se vem fazendo, em termos da finalidade e das estruturas formativas desde o século XVI. Sabemos o peso que possui um hábito de longa data: embora histórico, contextualizado, corre o risco de ser considerado perene, eterno, inquestionável. É por isso que esta primeira indicação a respeito das estruturas segue o trajeto atual ao considerar a animação vocacional, a formação inicial e a formação permanente, sugerindo apenas alguns aspectos mais relevantes nestes tempos de pós-cristandade.

43. Um dos pontos centrais para o enfrentamento da questão se encontra na formação. Tendo mudado o contexto, de cristandade para pós cristandade, a pessoa e a missão do padre se têm visto em crescente xeque. Soluções oscilam entre resiliências e compensações, ambas, no entanto, indagando pelas causas mais profundas desse descompasso. Afinal, já são décadas em que esse descompasso é percebido. Daí o direcionamento do olhar para a *formação*, quer no tipo de formação inicial, quer na formação continuada.
44. Na formação inicial, a revisão se torna ainda mais urgente na medida em que os locais de estudo da filosofia e da teologia acabam sofrendo pressão dos superiores para que se conclua o mais rápido possível a formação acadêmica a fim de que o candidato seja ordenado e enviado a suprir vazios pastorais. Isso implica algumas vezes até mesmo o pedido de adiantamento da conclusão do curso.
45. Esse destaque à formação coloca a questão onde de fato ela deve ser colocada: não tanto nas mudanças no perfil dos jovens que chegam às nossas casas de formação, mas, ao contrário, no tipo de formação que nossas casas de formação estão oferecendo. Essa virada de eixo, à primeira vista tão óbvia, precisa ser destacada porque não se trata de escolher os tipos de jovens que chegam às nossas casas de formação, a fim de nelas se encaixarem, mas, ao contrário, de os processos formativos se adaptarem aos





jovens que estão chegando. A responsabilidade de todo esse processo, portanto, não está nem nos jovens nem muito menos no Espírito Santo, mas na Igreja, a quem cabe discernir um processo formativo que corresponda ao momento que estamos vivendo.

Atuação Vocacional

46. Sabemos que a inexistência de uma pastoral vocacional ⁸ organizada e eficiente é uma das causas para a baixa no número de jovens que chegam aos seminários. Se, por um lado, é Deus quem chama, por outro, se a Igreja não concretizar ações pastorais motivadoras, os jovens terão dificuldade para o discernimento e a resposta. Importa, no entanto, ter clareza de que já a pastoral vocacional deva ser pensada e levada a efeito para jovens oriundos da pós-cristandade. Isso significa que o trabalho vocacional seja feito de maneira mais personalizada e com critérios que levem em conta, por exemplo, a formação da fé, a experiência eclesial, o histórico familiar e o equilíbrio psicoafetivo, entre outros aspectos. Se grandes encontros vocacionais são válidos na medida em que ajudam os jovens a perceberem que outros estão seguindo o mesmo caminho, ao estilo do número de curtidas que uma publicação em rede social recebe, há de igualmente se considerar a importância do atendimento personalizado e interdisciplinar. Já na ajuda para o despertar vocacional é indispensável considerar a escuta, o acompanhamento personalizado dos candidatos na aventura de mergulharem para dentro de si mesmos, compreendendo lacunas e reconhecendo valores, a direção espiritual em linha de acolhimento da apofaticidade e não em perspectiva de combate e vitória. Junto com essas observações, cresce a importância de se identificar e explicitar cada vez mais a necessidade de o jovem ser ajudado a identificar qual efetivamente seja a

⁸ O termo *pastoral vocacional* é aqui utilizado lato sensu, não se entrando nas diversas concretizações ou nomenclaturas que o trabalho animador pode receber e tem recebido no Brasil.





experiência fundante que o leva a querer abraçar o ministério presbiteral, pois muitas vezes é aqui que se encontra boa parte das dificuldades posteriores. Daí a importância de que, já no processo de animação vocacional, sejam considerados não só o caráter querigmático, mas também a conexão entre o que se espera do padre atualmente e o modo com Jesus Cristo viveu sua missão. Essas são as principais características de uma animação vocacional que deseje corresponder ao atual momento.

- 47.** Certamente não será fácil ajudar a assumir uma perspectiva de apofaticidade em um contexto de tantas falas, tantos sons, tantos ruídos. Não nos esqueçamos de que nosso tempo devasta mediações, destrói respostas, esvazia sentidos e significados, levando a buscar caminhos mais breves, soluções mais imediatas, valorações mais quantitativas. Mesmo com essa dificuldade, a pastoral vocacional não poderá se ater a apenas repetir fórmulas de cristandade, mas se reconhecer como parte integrante de um processo formativo que acompanha a vida toda. Não se pode, já na divulgação, na *propaganda*, anunciar um produto e oferecer outro depois. Um eventual descompasso entre o momento da animação vocacional e o da formação inicial, se esta vier a ser efetivamente reconfigurada, corre o risco de contribuir para frustrações e desistências.

Seminários reconfigurados?

- 48.** Ao mesmo tempo em que se afirma que a existência dos seminários permanece indiscutível, é preciso pensar em sua reconfiguração. O seminário permanece válido por ser a instância especializada assim como existem instâncias especializadas para qualquer projeto de vida. Faz-se, no entanto, necessário afirmar até com maior destaque a urgência de se repensar o estilo de seminário que se está concretizando. Isso acontece porque, nos contextos eclesiais acostumados ao modelo tridentino, os seminários são o que tecnicamente se pode caracterizar como uma *instituição total*. Por isso, é





importante considerar até que ponto séculos de compreensão tridentina possuem força suficiente para reler em termos tridentinos as propostas de revisão, deixando, em consequência, o processo formativo nos mesmos moldes do que deu certo para a cristandade, mas que não conseguem dialogar com a pós-cristandade.

- 49.** No que diz respeito à formação inicial, ainda que algumas experiências tenham sido levadas a efeito na busca de formação mais adequada, a predominância permanece com os *seminários de perfil tridentino*. Originários do século XVI, tais seminários são entendidos como

“...uma casa de formação que recebe meninos de 10 a 11 anos de idade no mínimo, mantendo-os em regime de internato.... Os seminaristas vivem em regime de internato, afastados da família e do mundo, sob o cuidado dos superiores que cuidam de sua formação intelectual, moral e espiritual, com uma disciplina rígida, com intuito de formar seu caráter. Todas as horas do dia, seguem uma programação detalhada. Do despertar ao adormecer tudo está previsto no regulamento: orações, meditação, missa, refeições, aulas, recreios, esportes, estudos, trabalhos, tudo obedece a uma rotina, tudo feito em comunidade, sem precisar ultrapassar os muros do seminário. Em alguns seminários, parte das férias são coletivas, passando os seminaristas um breve tempo junto às próprias famílias, sob os olhares do vigário local, que deverá enviar carta de recomendação ao reitor do seminário no final de cada período de permanência dos seminaristas em sua paróquia.”⁹

- 50.** Acontece que ainda é esse tipo de seminário que serve como referência. Em alguns casos, como reação a experiências consideradas não exitosas, reviveu-se o modelo tridentino de forma até mais aguda. O problema está no descompasso – também aqui há um descompasso! – entre esse perfil tridentino de formação inicial e o vocacionado atual. Como não falar em descompasso quando, de um lado, vemos um projeto formativo que insere o jovem em um processo que fortemente enfatiza o aspecto comum, institucional, equalizador e intelectual, quando os jovens são resultado de uma sociedade, de uma cultura fortemente individualizante, afetiva e diferenciadora? Como não falar em descompasso na medida em que o predomínio da dimensão acadêmica sobre as demais marca até mesmo os

⁹ TAGLIAVINI, João Virgílio, *Seminários Tridentinos no Brasil: Escolas para a formação do clero.*, Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.26, jun. 2007, p.39 –63.





prazos, sabendo o seminarista que será *automaticamente* ordenado ao terminar certa etapa de estudos? Como não falar em descompasso quando o mesmo processo acadêmico dá predomínio a uma teologia informativa, algumas vezes de perfil apologético-medieval, quando deveria ser mais espiritual, existencial e pastoral? Nosso tempo não está implorando por processos de formação inicial mais personalizados, à diferença do estilo tridentino, que reduz exatamente as individualidades em vista de um projeto uniformizante?

- 51.** A tal perfil tridentino de seminário pode-se aplicar o conceito de *instituição global*¹⁰, em que os indivíduos são retirados do convívio social, imersos em um ambiente peculiar, destinado a configurar de modo uniformizador uma postura a ser vivenciada depois. Tal perfil de seminário funcionou e produziu bons e santos sacerdotes. Atualmente, porém, experimentamos uma grande mudança de perfil dos jovens. Se, em outros momentos, os jovens chegavam aos seminários com alguma formação religiosa, com hábitos trazidos da família, atualmente a maioria dos jovens que chegam aos nossos seminários têm sua origem em famílias em processo de desestruturação, com diversidade religiosa e contextos sociais de violência aguda. Manter, portanto, uma postura de instituição global, sem considerar processos mais personalizadores, capazes de dar vazão à individualização dos tempos atuais acaba por gerar algumas situações a que estamos assistindo.
- 52.** Um exemplo muito comum tem sido o do *seminarista submarino*: aquele que submerge no oceano das exigências formais, revelando seu verdadeiro eu após a ordenação. Em geral, utilizam as redes sociais para alimentar sua vida intelectual e afetiva, seguindo a lógica de obedecer externamente aos formadores institucionais como condição para ser ordenado, sem, contudo, gerar vínculos ou se deixar transformar pelo processo formador. Estes

¹⁰ BENELLI, Sílvio José, A Instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar, *Estud. psicol.* (Campinas) 21 (3) • Dez 2004





submarinos, quando prontos, ou seja, quando formados, ordenados, tendem a emergir atirando para todos os lados, isto é, seguindo opções pastorais e pessoais altamente individualizantes. Algumas vezes, vivenciam crises com pouco tempo de ordenação, jogando a toalha ainda nos primeiros rounds da missão. Deixam a impressão de que estamos, *mutatis mutandis*, diante de uma espécie de *erro de pessoa*, pois parece que ordenamos uma pessoa e agora descobrimos que estamos diante de outra ¹¹.

- 53.** Essa realidade preocupa ainda mais porque o trabalho formativo nos seminários tem sido assumido, cada vez mais, por padres jovens em idade e no tempo de ministério. É possível enumerar benefícios quanto à presença de formadores jovens na formação. São nativos dos mesmos contextos, falando, portanto, a mesma linguagem, lendo o mundo com perspectivas semelhantes. Contudo, quando falta aos jovens formadores o suporte daqueles outros formadores mais experientes, é razoável supor que a formação ficará comprometida. O tempo gera uma experiência que se torna fundamental na formação e isso deveria ser levado em conta nos seminários diocesanos e religiosos. Aquelas profissões que exigem tutoria deveriam servir de exemplo para a Igreja. Ninguém imagina, por exemplo, um médico recém-formado sendo tutor de outros médicos residentes, ainda, portanto, em processo de formação. Conhecimento (formação para formadores) e experiência (adquirida com as vivências no tempo) são fundamentais para a formação dos futuros padres.
- 54.** O pensamento da Igreja a respeito dos seminários está apresentado, como sabemos, na *Ratio Fundamentalis* (2016) e nas *rationes nationales* que, por indicação da Ratio, foram elaboradas pelas diversas conferências episcopais

¹¹ FONTES, Douglas Alves, Educar, Formar e acompanhar os Futuros padres no século XXI. Revista *Communio*, Rio de Janeiro, Volume XXX, Número 2 (Edição Nova Fase 2): maio-dezembro 2021, p. 119-138.





12. As características indicadas na Ratio buscam considerar o atual contexto de pós-cristandade na medida em que indicam o acompanhamento pessoal, a condição indispensável da vida comunitária, a unidade da formação (44ss), uma estrutura pedagógica mais processual, em etapas (54ss) e a consideração das diversas dimensões na formação (93ss).

A formação continuada

- 55.** Também a formação continuada precisa ser revista na medida em que não pode ficar restrita aos cursos anuais. Na formação continuada, a mudança de mentalidade e de práticas precisa acima de tudo superar a restrição academicista, ou seja, aquela que mantém a formação pós-ordenação limitada apenas a um curso anual ou alguma pós-graduação. Assim como para a formação inicial são indicadas dimensões, o mesmo trajeto deve ser aplicado à formação continuada, na qual os momentos intelectuais são importantes, porém, não os únicos. É bom e útil ouvir conferências. Não devemos, entretanto, permanecer na crença de que o simples escutar sobre um assunto significa que o mesmo esteja resolvido. A formação continuada precisa, desse modo, assumir um perfil bem mais existencial, com a valorização de algumas intuições que já existem no cotidiano presbiteral, mas que, talvez em razão das urgências em suprir lacunas e do modelo *influencer tradismático* de ser padre, acabem por não receber o destaque necessário.
- 56.** Sabemos que esse modelo não é o único, mas ele se configura como uma tendência que ultrapassa todos os eventuais desejos de controle institucional. Ninguém é ingênuo o suficiente para imaginar que tenha o controle do que uma pessoa faça de sua vida, nem mesmo os padres. As quebras de fronteiras institucionais, os projetos de vivência do presbiterato que acabam abandonando a presença física e imediata junto às pessoas e às

¹² No Brasil: CNBB, Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil – Documento 110, de 2019





comunidades para dedicar mais tempo às redes sociais, a busca por se realizar pessoal e presbiteralmente em algumas novas comunidades e não tanto na vida diocesana, a preocupação por ver que as angústias socioambientais acabam recebendo tratamento devocionista são algumas angústias que temos atualmente em relação ao exercício do presbiterato. Elas mostram que a solução não pode ficar apenas nos aspectos intelectuais ou disciplinares. A solução ocorre no dia a dia, em um processo com acompanhamento bem maior, à semelhança de um *seminário continuado*.

- 57.** Um critério aqui se destaca, merecendo atenção de toda a Igreja para que se mantenha nos primeiros lugares das soluções para o contexto até aqui mencionado. Trata-se da relação interpessoal. O destaque precisa ser dado à presencialidade física. Os padres podem ter suas redes sociais e a maioria as tem. Usam-nas como recurso para ampliar a proximidade, sem descuidar da sua articulação com a presença física. Quando, seja lá com que estética for, o estilo de vivência do presbiterato acontece com baixos teores de presencialidade, sem convívio, sem vínculos mais fortes, o sinal de alerta deve se acender.
- 58.** Em segundo lugar, espera-se do presbítero que ele seja um instrumento de comunhão ou, se desejarmos utilizar uma expressão conhecida, que ele não seja a síntese de todos os ministérios, mas que exerça, em comunidades com muitos serviços e ministérios, organizadas em rede, o ministério de síntese. O recente sínodo sobre a sinodalidade, ainda que com outras palavras, indica exatamente esse perfil (DC 72). Proximidade e relacionalidade são as palavras do momento. Além de serem fiéis ao que a Igreja compreende como parte integrante da vivência do presbiterato, correspondem a um tempo em que as individualidades tendem a se distanciar, mantendo relacionamentos predominantemente funcionais e, repetindo, posturas autorreferenciais. No caso do presbítero, o recente sínodo, desde suas etapas iniciais, não temeu utilizar o termo clericalismo (DC 74).





- 59.** Além de ser o homem da síntese por excelência, espera-se do atual presbítero que ele tenha algumas sensibilidades, ainda que nem sempre sua personalidade englobe todas. Em primeiro lugar, o presbítero necessita desenvolver sensibilidade para a iniciação
- 60.** à vida cristã. Enquanto nos tempos da cristandade, o presbítero era o homem da doutrina, nos tempos de pós-cristandade, sem abandonar a fidelidade doutrinal caindo em tendências no mínimo questionáveis, o presbítero é o homem a ajudar no fascínio pela descoberta de Jesus e da comunidade dos discípulos missionários ¹³. Em segundo lugar, na medida em que estamos vivenciando um momento histórico de reconfiguração eclesial, ao que tudo indica, na direção das pequenas comunidades articuladas em rede, o presbítero precisa desenvolver a capacidade de conduzir as comunidades não de forma monárquico-clericalista, mas em estilo sinodal, convivendo com conselhos e outras formas de gestão participativa e transparente (DC 102-107, 129). Por fim, para permanecermos nos aspectos mais essenciais, o presbítero haverá de desenvolver um forte sentido solidário em relação às dores da realidade onde está inserido.
- 61.** Trata-se de uma formação que podemos denominar como existencial, ou, como costumamos chamar de integral. Independentemente do nome que viermos a utilizar, a formação continuada deve considerar que, em função da forte fragmentação da vida em geral, também os padres são carentes de sínteses existenciais e vocacionais. É preciso continuamente juntar os pedaços, remontar o quebra-cabeça, aparar arestas e suprir lacunas.
- 62.** Diante, pois, desse contexto, algumas concretizações podem ainda ser recordadas em termos de formação continuada ¹⁴. Inicialmente, há de se

¹³ MORAES, Abimar Oliveira, CARVALHO, Wagner Francisco de Souza, A dimensão mistagógica do presbítero na iniciação à vida cristã, em Revista Eclesiástica Brasileira v. 84, p. 130-144, 2024.

¹⁴ Aqui são seguidas as mesmas intuições apresentadas em AMADO, J. P., Modos e instrumentos para o acompanhamento pastoral dos sacerdotes, em: Simpósio Internacional para a Formação Permanente dos Sacerdotes, Roma, Fevereiro 2024.





considerar a relação que a vivência do presbiterato corre o risco de possuir com a concepção de subjetividade absoluta, fechada, tão própria dos tempos atuais. Ou se assume de vez que o padre não é, em sua essência, uma pessoa solitária, autossuficiente, autorreferencial, ou continuaremos a ter e até mesmo a agravar as situações aqui já mencionadas. Em tempos de profetismo da comunhão, da sinodalidade, faz-se urgente desenvolver caminhos para a convivência, para a partilha de vida. “Os sacerdotes são celibatários, porém não solitários. Se, em outros tempos, foi possível a heroicos sacerdotes viverem em situações de isolamento geográfico, hoje isso se torna mais difícil”¹⁵.

- 63.** Permanece, portanto, de pé o desafio das comunidades sacerdotais, pois o convívio precisa ser uma marca distintiva da espiritualidade presbiteral, tenha ela a vertente que tiver. Se, para os padres diocesanos, “não for possível formar de imediato comunidades, com a vida no mesmo local, ainda que com serviços pastorais distintos, sejam valorizados momentos de encontro para a oração, a partilha de vida, o lazer e tudo mais que o humano, iluminado pela fé, nos indique”. Isso implica, conforme a consciência da Igreja em nossos dias, considerar a escuta, a partilha, a direção espiritual, o acompanhamento médico e o auxílio profissional na área psicológica.
- 64.** Além disso, é preciso insistir para que momentos mais intensos de síntese ocorram em intervalos mais curtos e com o mencionado perfil existencial e integral. Por que esperar a crise para o envio a tratamentos sabáticos? Não seria mais lógico pensar preventivamente? Talvez até mesmo uma década seja um período longo demais para que “um sacerdote se distancie um pouco de suas atividades, mais ainda de seu ativismo, para rever a si mesmo, seu projeto de vida, sua vocação e sua missão”. Por que não oferecer aos sacerdotes experiências em outras dioceses, com realidades culturais diferentes, em contato com outros modos de viver a fé. O projeto de Igrejas-Irmãs não seria uma chance importante para a troca de sacerdotes de

¹⁵ Idem





tempos em tempos? Por que não levar adiante o fato de que, na formação permanente dos presbíteros, sejam concretizadas experiências em contextos diferentes, experiências, por certo, acompanhadas e que auxiliem a relativizar crises oriundas de descompassos socioculturais?

- 65.** Na formação permanente, é urgente encontrar caminhos para o acompanhamento individual. É consenso que esse acompanhamento diz respeito à figura do diretor espiritual, “a um contato mais próximo entre o bispo e seu presbitério, com a possibilidade da criação de uma função diocesana de acompanhamento do clero, não apenas para solucionar problemas, mas para, na escuta, no contato pessoal, identificar fragilidades e prever percalços, se não em sua totalidade, pelo menos reduzindo-os a níveis menores”. Aos bispos, pede-se atualmente proximidade amiga em relação aos presbíteros. Essa é, em nossos dias, a compreensão da paternidade episcopal. Os padres aceitarão bem mais um bispo amigo que um bispo predominantemente corregedor e, se o aceitam como corregedor, é porque veem nele antes o amigo, o pai.

Enfrentando descompassos

- 66.** Como tão insistido, ao longo das análises de conjuntura eclesial desse ano, o INAPAZ fez a opção de refletir sobre o descompasso entre o perfil pastoral predominante no Brasil subjacente às variantes encontradas e o contexto sociocultural de pós-cristandade. Nesta última análise de 2024, a pedido, o INAPAZ se debruçou sobre o papel do presbítero nesse descompasso, discernindo que o presbítero, ao mesmo tempo em que é peça fundamental para a superação do descompasso, sofre em sua identidade e missão, as consequências desse mesmo descompasso. Ele é peça fundamental porque, independentemente de outros aspectos, sobre ele gira muito da ação evangelizadora. O presbítero é uma referência para a vida e a missão das comunidades. Contudo, exatamente por causa da crise de referências ou





mediações, também ele, o presbítero experimenta a crise. Daí as crises, que podem ter muitas causas, inclusive os pessoais. No âmbito, porém, sociocultural esta, tudo indica, é a causa maior, geradora de um forte sentimento de irrelevância, que o leva a buscar formas de superação, algumas das quais resvalando em compensações que assustam e preocupam.

- 67.** Mais, portanto, do que observações apenas moralizantes ou opcionalmente cegas em relação ao descompasso, importa compreender sempre mais o perfil contemporâneo de ser humano, sob o qual estamos todos, desde o jovem em discernimento vocacional até o padre ancião que se entristece diante de retrotopias. Sem cair em jargões ou repetir soluções inócuas, o caminho é o da formação ampla no tempo e no conteúdo. No tempo, haverá de se pensar desde os primeiros momentos da animação vocacional até as últimas idades, sempre priorizando o acompanhamento o mais personalizado possível. No conteúdo, haverá de ser o mais abrangente possível, tendo, para facilitar, as dimensões da *Ratio Fundamentalis* como referência.

